



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VERÔNICA IVONE FORMIGA

UNIFORME ESCOLAR: qual seu significado na construção da identidade dos alunos a partir da sua relação com a cultura escolar?

Florianópolis,
2014.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VERÔNICA IVONE FORMIGA

UNIFORME ESCOLAR: qual seu significado na construção da identidade dos alunos a partir da sua relação com a cultura escolar?

Pesquisa elaborada pela acadêmica Verônica Ivone Formiga, tendo como objetivo apresentá-lo à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Este projeto de pesquisa foi orientado pelo Professor Dr. Santiago Pich.

Florianópolis

2014

Verônica Ivone Formiga

UNIFORME ESCOLAR: qual seu significado na construção da identidade dos alunos a partir da sua relação com a cultura escolar?

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “graduação”, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia

Florianópolis, ____ de _____ de 2014.

Prof.^a. Dr.^a. Clarícia Otto
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Santiago Pich,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Ione Ribeiro Valle,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a. Dr.^a. Vera Lucia Gaspar da Silva,
Universidade do Estado de Santa Catarina

Me. Tiago Ribeiro
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado força e saúde para conseguir caminhar por toda a minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos e familiares por terem me dado apoio e principalmente por compreenderem pelos momentos em que foi necessário estar ausente para a dedicação da pesquisa.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina (GPEFESC) pelo acolhimento no grupo em 2011 e pelo aprendizado que venho adquirindo desde então nos seminários e nos diálogos informais entre graduandos, mestrandos e doutorandos.

Ao professor Santiago Pich pela tamanha dedicação nas orientações que possibilitaram o crescimento deste trabalho.

Agradeço também a todos os professores que foram acompanhando a minha trajetória acadêmica, cada um deles marcou a minha formação, em especial a professora Ione Valle.

RESUMO

Neste trabalho propomo-nos a compreender a relação que se estabelece no ambiente escolar entre aluno e a normatização referente ao uso do uniforme escolar, para deste modo percebermos em que medida o uso do uniforme e a instituição da norma afetam a constituição de identidade dos alunos. Neste sentido, interessamo-nos pelo movimento de permanências e mudanças no uso do uniforme escolar, e sobre os sentimentos que este desenvolve. Para esclarecer estes questionamentos nos apoiaremos no conceito de cultura escolar, desenvolvido por Viñao Frago, e no disciplinamento de corpos, sob a ótica foucaultiana, para tentarmos compreender, a relação entre estudantes, constituição da identidade e o uso do uniforme escolar. Deste modo, procuramos observar e registrar os significados construídos pelos alunos sobre o uniforme na sua relação com a cultura escolar, e ainda buscamos compreender de que maneira este uniforme contribui para a formação de identidade. Além disso, nos interessa também analisar se o uniforme opera como um artifício de disciplinamento. Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada na região da grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina, sendo que nessa escola o uso do uniforme escolar ocupa um espaço bem caracterizado, aluno sem uniforme não entra. Metodologicamente optamos por realizar uma pesquisa qualitativa pautada em um olhar etnográfico, procurando compreender como o uniforme faz parte da constituição da identidade dos indivíduos e os significados a ele atribuído a partir da relação com a cultura escolar. Para a realização da pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados, o registro no diário de campo, as entrevistas e análise de fotografias. Sendo a combinação desses três elementos significativo para a elaboração das categorias: uniformizando os corpos, a relação ambivalente com a norma institucional, estética e cuidado, relação utilitária com o uniforme escolar, uniforme como meio de comunicação, e customizando o uniforme escolar. Por fim, podemos perceber na tensa relação que se estabelece entre o aluno e a instituição na constituição da sua identidade, que existe uma ambivalência na relação com a norma institucional. De um lado há alunos que depositam um caráter positivo a aplicabilidade da norma, tendo esta um papel fundamental para a constituição de um sujeito mais responsável e disciplinado. De outro lado, há aqueles alunos que questionam a norma institucional e o modo como ela é aplicada, sendo por muitas vezes vista como positiva a transgressão da norma.

Palavras – chave: aluno; uniforme escolar; formação identitária; norma institucional.

ABSTRACTO

En este trabajo se propone entender la relación que se establece entre el medio escolar y las normas de los estudiantes sobre el uso de uniforme escolar para este darse cuenta de qué punto el uso del uniforme y la institución de la norma afectan la constitución de la identidad de los estudiantes. En este sentido, estamos interesados en el movimiento de la continuidad y el cambio en el uso del uniforme escolar, y sobre los sentimientos que esta desarrolla. Para aclarar estas cuestiones nos apoyarán en el concepto de la cultura escolar, desarrollado por Viñao Frago, y la disciplina de los cuerpos, a óptica de Foucault, para tratar de entender la relación entre los estudiantes, el establecimiento de la identidad y el uso de uniformes escolares. Por lo tanto, tratamos de observar y registrar los significados construidos por los estudiantes en sus uniformes en su relación con la cultura de la escuela, e incluso tratar de entender cómo este uniforme contribuye a la formación de la identidad. Por otra parte, también interesado en examinar si el uniforme funciona como un dispositivo disciplinar. Esta investigación se llevó a cabo en una escuela pública situado en la Gran Florianópolis, Estado de Santa Catarina, donde esta la escuela usando el uniforme escolar ocupa un espacio bien caracterizado, estudiante sin uniforme no lo hace. Metodológicamente hemos decidido llevar a cabo una investigación cualitativa basada en la mirada etnográfica, tratando de entender cómo el uniforme es parte de la constitución de la identidad y los significados que se le asignan a partir de la relación con la cultura escolar. Para la investigación, se utiliza como un instrumento de recolección de datos, campo diario, entrevistas y análisis de fotografías. Siendo la combinación de estos tres elementos, importantes para el desarrollo de las categorías: los organismos de normalización, el cuidado estético, relación utilitaria con el uniforme de la escuela, uniforme como un medio de comunicación, personalizar el uniforme escolar y relación ambivalente con la norma institucional. Por último, nos damos cuenta de la tensa relación que se establece entre el estudiante y la institución en la constitución de la identidad, hay una ambivalencia en relación con la norma institucional. Por un lado están los estudiantes que realicen una aplicación del carácter positiva, está teniendo un papel clave en la formación de una persona más responsable y disciplinado. Por otro lado, están aquellos estudiantes que cuestionan la norma institucional y la forma en que se aplica, es a menudo visto como una transgresión positiva de la norma.

Palabras clave - Palabras clave: estudiante; uniforme escolar; formación de la identidad; norma institucional.

Sumário

1. Introdução -----	08
2. Fundamentação teórica-----	10
2.1. Cultura Escolar-----	10
2.1.1. Uniforme e Cultura Escolar-----	11
2.2. Problematizando o corpo disciplinado-----	14
2.3. Formações Identitárias-----	17
3. Procedimentos metodológicos-----	21
4. Apresentação de análise da pesquisa-----	24
4.1. Histórico da instituição-----	24
4.2. Normas disciplinares-----	25
4.3. Entrando em Campo-----	27
4.4. Os sujeitos da pesquisa-----	28
4.5. Observação participante-----	28
4.6. Apresentação das categorias de análise-----	32
5. Considerações Finais -----	46
6. Referencias -----	48
7. Apêndice-----	50
7.1. Roteiro de entrevista-----	50
7.2. Entrevista funcionária da escola-----	51
7.3. Questionário-----	52

1. Introdução

Neste trabalho propomo-nos a dar continuidade ao projeto de pesquisa “Uniforme Escolar em Santa Catarina: Um signo de distinção ou de diferenciação?”, iniciado em agosto de 2011. Esta pesquisa foi realizada com professores aposentados da rede Estadual de Santa Catarina, abrangendo a segunda metade do século XX. Assim, por meio da aplicação de questionários, foi possível perceber a memória que os professores possuem sobre o uso do uniforme escolar nas escolas em que lecionaram ou estudaram. Deste modo, realizamos estudos que nos permitiram perceber que os uniformes, além do seu sentimento de igualdade, também são percebidos como um artifício de controle/disciplinamento dos corpos, seja de alunos ou de professores.

A partir dos dados levantados, questionamentos e curiosidades nos mobilizaram para pesquisar o uso do uniforme escolar em escolas públicas. Esses questionamentos nos levaram a observar que o uniforme aparece como aquele que expressa a igualdade para as escolas, ou seja, os estudantes uniformizados são iguais, no entanto percebemos que além da igualdade outros sentimentos são suscitados a partir do seu uso. É esse movimento de sentimentos gerados, e a importância do seu uso para os dirigentes e pais dos alunos que nos mobilizaram a pesquisar. Para esclarecer estes questionamentos nos apoiamos no conceito de cultura escolar para tentar compreender, a relação entre estudantes, a constituição da identidade e o uniforme escolar.

Desta forma, pretendendo dar continuidade a pesquisa, interessando-nos pelo movimento de permanências e mudanças no uso do uniforme, e sobre os sentimentos que este desenvolve, analisamos o uso do mesmo em uma escola pública localizada na região da grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Nessa escola ele ocupa um espaço bem caracterizado, sendo que aluno sem uniforme não entra.

Neste sentido, pensamos que esta pesquisa possui importância para o campo educacional, pois permitiu desvelar e problematizar concepções que são postas como naturais ou normais relativas ao uso do uniforme escolar em nossa sociedade. Assim, buscamos desnaturalizar o naturalizado, para ampliar o nosso olhar ou olharmos mais atentamente para o que acontece ao nosso redor e preferencialmente para o que acontece dentro dos muros das escolas. Deste modo, objetivamos compreender os significados construídos pelos alunos sobre o uniforme na sua relação com a cultura escolar, e no

processo de formação da identidade desses sujeitos. Além disso, nos interessa também analisar se o uniforme opera como um artifício de disciplinamento.

Esse trabalho está estruturado no diálogo entre três conceitos que são diferentes do ponto de vista epistemológico, mas que são passíveis de aproximação com as devidas mediações. Primeiramente trataremos do conceito de cultura escolar, tendo como base para essa discussão o autor espanhol Antonio Viñao Frago¹. O segundo conceito a ser discutido neste trabalho, será o disciplinamento dos corpos, para abordarmos este conceito tomaremos como referência o autor francês Michel Foucault². O terceiro conceito discutido neste trabalho é o de formação identitária, tendo como base para essa discussão o autor francês Claude Dubar³.

¹ **Viñao Frago** possui formação em direito, é professor catedrático de história da educação do Departamento de Teoria e História de la Educación, da Facultad de educación, da Universidad de Murcia na Espanha. Seu interesse pela educação começou por meio de compreender algumas relações e problematizações na educação, tais como a organização escolar, os espaços e tempos, para posteriormente se interessar pela cultura escolar, os processos de escolarização e a formação docente. Assim seus principais focos de interesse são os espaços e tempos escolares, as práticas de escolarização, a cultural material escolar e a profissão docente.

² **Michel Foucault** (1926 – 1984), possui formação em psicologia e filosofia, foi um importante filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France. Durante a trajetória acadêmica encontraremos três Foucault, que são caracterizados de acordo com os seus principais interesses. Sendo o primeiro Foucault voltado as questões do discurso, o segundo Foucault para as relações de poder e de disciplina, e o terceiro Foucault relacionado com a ética, o cuidado de si, mostrando a importância de governar a si mesmo.

³ **Claude Dubar** é professor de sociologia da Universidade de Versailles-Saint Quentin e diretor do laboratório Printemps, associado do Centro Nacional de Pesquisa Científica.

2. Fundamentação teórica

2.1. Cultura Escolar

Para compreendermos o movimento histórico no uso do uniforme na escola pesquisada, e a importância do seu uso e os significados construídos na sua relação com a cultura escolar, consideramos relevante, trazer para este trabalho a discussão que vem sendo feita por Antonio Viñao Frago acerca da cultura escolar. Este autor vem trabalhando com este conceito por quase três décadas, encontraremos textos sobre a cultura escolar publicados desde 1994 até seu texto mais recente de 2012, assim consideramos ser relevante trabalhar com este conceito em perspectiva longitudinal, que poderá nos dar mais possibilidade para compreender o objeto a ser pesquisado.

Optamos em dialogar com Viñao Frago pois, por meio dos trabalhos produzidos, este autor nos mostra que a cultura escolar “puede ser útil para entender esa mezcla de continuidades y cambios, de tradiciones e innovaciones, que son las instituciones educativas” (VIÑAO FRAGO, s/d, p. 3).

Segundo o autor, o termo cultura escolar vem sendo utilizado pelos historiadores da educação desde o final do século XX, mais especificamente a partir dos anos 90, Viñao Frago (2008) ressalta que em alguns estudos poderemos encontrar um termo semelhante ao de cultura escolar, o termo de “la gramática de la escolaridad”. Mas, a partir da metade da década de 90, os estudiosos da história da educação, começaram a utilizar com mais força o termo de cultura escolar, sendo este compreendido para Viñao Frago como,

un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas (formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos) sedimentadas a lo largo del tiempo em forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas em entredicho, y compartidas por sus actores, en el seno de las instituciones educativas (VIÑAO FRAGO, 2002, p. 59).

Para o autor a cultura escolar não pode e nem deve ser universal, ela não é fechada e pode ser transformada, de um modo relativamente lento. Deste modo, o autor trabalha com “as culturas escolares”, pois a cultura escolar pode variar de acordo com a instituição a ser investigada. Cada escola tem as suas especificidades, cada instituição tem mais ou menos marcada a sua própria cultura, seus atores que criam e recriam essa cultura. Encontramos semelhanças entre as instituições, mas não escolas exatamente iguais.

Desta forma, segundo Faria Filho et al. (2004), as culturas escolares são para Viñao Frago, as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando entre todos os atores mais relevantes dessas culturas, os alunos, professores, pais e todos os profissionais da instituição. Para Viñao Frago (2002), as culturas escolares são tudo o que acontece no interior da escola. Ou seja, a cultura escolar é toda a vida escolar, material e imaterial.

Ainda segundo este autor (2002), há três dimensões essenciais que constituem as culturas escolares: o espaço, o tempo e a linguagem, uma linguagem ampla que não se restringe a linguagem oral e escrita. Assim, Viñao Frago parte da concepção que linguagem é tudo o que consegue comunicar algo, transmitir uma ideia. Deste modo, partimos do pressuposto que os estudantes ao usarem uma vestimenta identificando uma escola estão comunicando algo, explicitando o lugar onde estudam, se se trata de uma instituição pública ou privada, revelando, muitas vezes, seu próprio contexto social. E ainda, pressupomos que por meio deste uniforme pode estar sendo comunicado uma relação de poder, de disciplinamento e de controle dos corpos.

Nesta perspectiva do uniforme como uma forma de linguagem, Costa e Pires (2007), apontam que a comunicação é a primeira forma de sermos interpretados, assim sendo, o uniforme suscita códigos que podem anunciar a identidade dos grupos e classes sociais. De tal modo, compreendemos que “as roupas e adereços são formas de a sociedade se comunicar e assim ter um diferencial para constituir os grupos e manter as ideologias” (LURIE, 1987, *apud*, COSTA; PIRES, 2007, p.53).

Conforme podemos perceber, por meio das três dimensões apontadas acima, as instituições escolares estão rodeadas de mudanças e tradições, e esse movimento é possível de ser perceptível pelas culturas escolares e seus elementos, tais como “los cuadernos, los trabajos de los alumnos, los exámenes, el mobiliario, los espacios escolares, los grabados y fotografías y, de un modo general, el material didáctico de todo tipo” (VIÑAO FRAGO, 2012, p.112).

2.1.1. Uniforme e Cultura Escolar

Além dos elementos que compõem a cultura escolar, Viñao Frago (2008) aponta uma perspectiva que envolve o antropológico e o etnográfico que abarca elementos da cultura escolar pouco estudados, como por exemplo “la representación social por ejemplo, los modos de vestir y uniformes” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 28). Segundo o autor, o uniforme escolar é um elemento pouco estudado. Mesmo a vestimenta sendo,

segundo Lonza (2005), um elemento existente desde os primórdios da história, o homem nesta época já vivia em grupos, sendo que cada grupo era distinguido pelo tipo de vestimenta que utilizava. Assim, nas escolas brasileiras, o autor relata que o primeiro desenho do uniforme escolar foi feito em 1855, no colégio Pedro II. Deste modo, fizemos um mapeamento de trabalhos que vem sendo produzidos sobre o uniforme escolar.

Nesse mapeamento, encontramos significados e discursos variados envolvendo o uniforme escolar, Oliveira (s/d) nos indica que na implantação do uniforme escolar, “há uma tentativa de barrar a entrada do fora no dentro da escola, um movimento que tem como percurso a higiene, disciplina como lemas de sua implantação” (p.2), assim percebemos que outros discursos vão sendo atribuídos para explicar o uso do uniforme escolar. Ainda Oliveira nos mostra que o uso do uniforme escolar não é algo fixo, mas sim que as mudanças da sociedade, os seus costumes e pensamentos, atravessam a vestimenta, que acompanha os espaços e tempos em que se vive.

Outro aspecto que envolve o uniforme escolar foi desenvolvido no trabalho de Ribeiro e Souza (2012), que abordam algumas das características mais presentes que se atribuem ao uniforme escolar. Essa abordagem busca caracterizar como foram usados o uniforme escolar pelos alunos da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, no período entre 1964 a 1985, objetivando uma aproximação da história e da memória da instituição, apontando sentidos simbólicos que incidem sobre o uniforme escolar.

Outro significado atribuído ao uso do uniforme escolar é discutido por Katiene Nogueira da Silva (2007), como uma estratégia de marketing na educação, um meio para a propaganda, e ainda outra ideia que vem sendo trabalhada pela autora é o mito da democratização que o processo do uniforme estabelece nas escolas, um processo de inclusão que disfarça a exclusão. Esse paradoxo que envolve o uniforme entre inclusão e exclusão é discutido por Corazza (2003) em um breve ensaio escrito para a revista pedagógica. Neste ensaio a autora problematiza que “o uniforme é mais uma dentre tantas ilusões criadas pela humanidade em sua vontade insaciável de reduzir ou de eliminar a diferença” (CORAZZA, 2003, p. 54).

Deste modo, diante dos discursos e significados atribuídos ao uso do uniforme escolar, nos questionamos se os lemas de implantação de alguma forma podem influenciar nos significados gerados pelos estudantes na constituição da sua identidade? Ainda, problematizamos essa relação ambígua que o uniforme apresenta como aquele que traz a igualdade em uma sociedade desigual. Sendo assim, como aponta Corazza

(2003), uma ilusão para reduzir ou eliminar a diferença. Será possível sustentar a ideia de que o uniforme realmente consegue transmitir essa igualdade ou ele apenas ameniza, ou maquia as desigualdades existentes?

Neste sentido, para desmistificar esses questionamentos e problematizações, em que medida a cultura escolar nos possibilita perceber os movimentos do uso do uniforme escolar e os sentimentos que os alunos desenvolvem acerca dele, nos questionando ainda, se será possível pelo uso do uniforme o disciplinamento dos corpos.

A partir das reflexões de Viñao Frago, podemos perceber que a cultura escolar não é algo fixo, mas sim algo que está em permanente mudança, mesmo que essas mudanças sejam relativamente lentas. Ou seja, a escola não é apenas um espaço de reprodução social, mas que, dentro da escola existem espaços de resistência e de criação, espaços estes que vem sendo demonstrados por meio da cultura escolar.

Nesta direção, percebemos que há uma necessidade de olhar mais atentamente para a “caixa preta” da escola, sendo esta compreendida como aquilo que acontece no interior das escolas, as relações que acontecem no cotidiano escolar, dentro da sala de aula. Neste sentido, assim como se assinalou para a importância de olhar as relações que acontecem nas escolas, buscamos esse olhar mais sensível e atento para compreendermos o uso do uniforme na sua relação com os alunos, os significados a ele atribuídos e aos discursos estabelecidos.

Nas páginas seguintes, trabalharemos com o conceito de disciplinamento dos corpos, sendo este conceito baseado nas leituras do pensador francês Michel Foucault. Compreendemos que os conceitos de cultura escolar e o de disciplina, são diferentes do ponto de vista epistemológico, no primeiro se observa abertura para a produção e a reprodução do que a escola produz, enquanto no segundo há uma predominância estruturalista que não dá margem para a resistência e a criação do novo. Mas, apesar desta diferença, estes conceitos são possíveis de aproximação, a partir das devidas mediações.

2.2. Problematizando o corpo disciplinado

Para trabalharmos a relação entre o uniforme escolar e a disciplina, consideramos ser relevante dialogarmos com Foucault que trabalhou com o conceito de disciplinamento dos corpos. Assim, buscamos esse autor para compreendermos se é possível um disciplinamento por meio do uniforme.

Segundo Soares (2002), a ideia de educação do corpo, de modelagem e uma certa preocupação com o mesmo, surgiu ao longo do século XIX, na Europa, o corpo passa assim a ser objeto de interesse e de estudo pela ciência e pela sociedade burguesa da época.

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões (VIGARELLO, 1978, Apud SOARES, 2002, p. 17).

Para a educação ou o adestramento deste corpo, a ginástica se fundamenta em argumentos científicos, ela aparece como aquela que rompe com o caráter circense do divertimento e entretenimento, e enquadra-se como a portadora de preceitos e de normas. Assim, a finalidade desse movimento ginástico, era principalmente “moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver” (SOARES, 2002, p.21). Na ótica de Foucault, essa educação do corpo pela ginástica seria uma forma de moldar, fabricar e disciplinar os indivíduos.

O disciplinamento segundo Foucault (1987), opera no sentido do bom adestramento de corpos submissos e exercitados, “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (p. 143). Segundo o autor, o corpo torna-se objeto e alvo de poder, um corpo “que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1987, p. 117).

Assim, o corpo humano se molda pela maquinaria de poder, e será pela disciplina que esses corpos serão adestrados. Com a relação de poder e dominação estabelecida pelo disciplinamento dos corpos dóceis, as instituições por meio da vigilância comparam, diferenciam, hierarquizam e excluem, ou seja, segundo Foucault, a disciplina normaliza.

Ainda segundo este autor (Ibid, p.161),

O indivíduo é sem dúvida o átomo de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”. Temos

que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.

Partindo desta citação, podemos perceber que a disciplina não deve ser vista tão somente por um aspecto negativo, Foucault nos aponta para uma disciplina, que puni e que castiga, mas ao punir e castigar a disciplina produz, ela carrega um caráter produtivo, nesta perspectiva a disciplina contribui para a formação e produção de corpos úteis.

Percebendo assim, que o corpo é histórico e culturalmente produzido, sendo a escola um dos espaços culturais para a sua produção. Nessa relação entre a produção do corpo e a escola, Louro (2000, *apud* QUADRADO, 2008) nos aponta que o corpo parece ter ficado fora da escola, ao entrar no espaço escolar, os indivíduos são descorporificados, ou seja, busca-se moldar os corpos dóceis e úteis, deixando qualquer subjetividade para fora da escola. Apresenta-se na escola,

corpo atemporal, sem história, sem rosto, pés, mãos, sexo, fragmentado em órgão, funcionalista, deslocado do ambiente. Um corpo universal, que se repete, que tem um padrão independente de classe, raça, etnia, credo, língua, geração. (QUADRADO, 2008, p.32).

Pensando nesse disciplinamento, vigilância e normalização do corpo, dos indivíduos, podemos observar que por meio do uso do uniforme escolar poderemos encontrar esses três elementos, pois pressupomos que o uniforme possui um significado específico para cada indivíduo, mas que no coletivo esse mesmo uniforme poderá servir como um instrumento de disciplina, uma disciplina que normaliza e vigia. Segundo Oliveira (s/d, p.3), cria-se uma relação afetiva com o uniforme, sendo que este seria a segunda pele de cada indivíduo, assim o uniforme pode passar a ser visto como,

um tecido de identidade que não é somente seu, é produzido por outros no convívio de um outro, em que não se discute isso no currículo na/da com a escola, pois a roupa, moda, indumentária não participa dessas conversas curriculares.

Além desses dois significados, igualdade e disciplina, os estudos sobre a cultura escolar nos mostram que as instituições escolares estão sempre em movimento, mudanças e permanências acontecem em nossas escolas. Nos questionamos sobre quais outros significados podem ser atribuídos pelos estudantes ao uniforme escolar? De que maneira os alunos lidam com o uniforme escolar? Será possível os alunos criarem

estratégias para customizarem os uniformes escolares? Ainda, estudos nos mostram que a escola disciplina, mas será que ela só disciplina? Quais as possibilidades de contestação a norma institucional?

Assim, para esclarecer nossos questionamentos, nos apoiamos no conceito de cultura escolar para compreender a relação dos indivíduos com o disciplinamento dos corpos e o uniforme escolar, sendo que compreendemos o disciplinamento dos corpos como algo não fixo, e sim um espaço que permite resistência e criação, assim como o uniforme escolar.

Segundo Quadrado (2008, s/p), os corpos estão em constante modificações e ressignificações ao longo do tempo, e pelas diferentes culturas,

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Percebemos assim, que o corpo tornou-se objeto de interesse e de estudo ao longo da história, um corpo que é possível discipliná-lo e adestrá-lo, e ao mesmo tempo um corpo mutável, que é capaz de se transformar, criar e reproduzir, sendo que este mesmo corpo também é sujeito. Este corpo/sujeito modifica a cultura, os tempos e espaços das instituições escolares. Como já nos apontava Viñao Frago, a escola é um espaço que não apenas disciplina, mas que permite e possibilita as resistências e mudanças, mesmo que estas sejam lentas.

2.3. Formações Identitárias

Como forma de compreendermos a relação entre os significados estabelecidos pelos os estudantes acerca do uniforme escolar e se este contribui ou não para a construção da identidade, optamos por dialogar com Claude Dubar que percebe a constituição da identidade como produto dos processos de socialização, para deste modo, conseguirmos perceber como o uniforme escolar faz parte da história de vida de cada indivíduo.

Segundo Dubar (2009), a noção de identidade pode ser dividida em dois grandes conjuntos. A primeira pode ser chamada de *essencialista*, citada no século V a.C. por Parmênides, essa abordagem

Para qualificar essas essências, para definir essas permanências, é preciso ligar a ‘categorias’ gêneros que reagrupam todos os seres empíricos que tenham a mesma essência (eidos) (Ibid., p.12).

Neste sentido, para esta perspectiva a identidade dos indivíduos é o que permanece. A sua essência faz com que os indivíduos permaneçam idênticos apesar das mudanças ao longo do tempo, seria a realização de um destino.

A segunda abordagem pode ser chamada de *nominalista*, citada no século IV a.C. por Heráclito. Esta se caracterizava por acreditar que não há essências eternas, mas sim que a identidade do indivíduo depende da época considerada, ou seja, esta abordagem

Recusa considerar que existem pertencimentos ‘essenciais’ (em si) e, portanto, diferenças específicas a priori e permanentes entre os indivíduos. O que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto. Essas maneiras de identificar são de dois tipos: as identificações atribuídas pelos outros (o que chamo ‘identidade para outrem’) e as identificações reivindicadas por si mesmo (‘identidades para si’) (Ibid., p.14).

A partir dessas duas abordagens, Dubar (2009) nos aponta que não se trata de opor identidades coletivas e individuais, mas sim processos históricos ao mesmo tempo coletivos e individuais que modificam a configuração das formas identitárias. Neste sentido,

A identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização (Ibid. p.13).

Podemos perceber assim, o paradoxo em relação ao conceito de identidade, de um lado a identidade é a diferença, o que constitui a singularidade de um sujeito. De

outro lado, a identidade é um pertencimento comum, ela define um conjunto de elementos em comum de um grupo. Assim, referente a constituição de identidade, “o que há de único é o que é partilhado” (Ibid, p.13).

Deste modo, compreendemos que a identidade se constitui em uma relação tensa entre o individual e o coletivo. Não podemos olhar somente para a subjetividade e nem somente para as estruturas. Para se compreender o movimento da formação de identidade é preciso estar atento às interações entre indivíduo e meio, um não se constitui sem o outro.

Percebemos, portanto que “a identidade pessoal assim concebida não é ‘determinada’ por suas condições sociais. Ela é construída a partir dos recursos da trajetória social, que é também uma história subjetiva” (Ibid, p. 231).

Dando relevância a essa interação nos questionamos como a norma institucional está sendo constituída e, como ela afeta a percepção da identidade dos alunos. É preciso ressaltar a importância dessa relação já que esta não acontece de forma direta. Pressupomos ser esta uma relação tensa e até por vezes conflituosa, pois as normas disciplinares estabelecidas em acordo entre dirigentes da instituição, pais e funcionários muitas vezes acabam por confrontar os valores, os interesses dos alunos. Assim, nos questionamos, como o aluno se vincula com a norma institucional.

O indivíduo ajustado, que aplica as normas de seu meio, de sua cultura, de sua classe social, ‘como os outros’, ou que se identifica com figuras idealizadas (o santo, o herói, o prudente etc.) foi substituído, segundo o autor, pelo ‘indivíduo-trajetória para a conquista de sua identidade pessoal’ (Ibid, p.195)

Neste sentido, conforme nos aponta Dubar, em relação ao indivíduo ajustado e aquele que luta pela conquista da sua identidade pessoal, nos questionamos sobre os alunos da instituição, se serão estes indivíduos ajustados, que prezam pela aplicabilidade da norma e veem nela algo positivo? Ou se os alunos resistem a norma institucional, lutando pela sua identidade pessoal?

Esta relação entre o indivíduo ajustado e aquele que resiste nos chama a atenção, pois temos de um lado um sistema de ensino moderno que busca homogeneizar os indivíduos que ali transitam. Deixando deste modo aqueles que circulam pelo ambiente escolar não mais com a noção do “eu”, o corpo singularizado, individualizado. Mas, sim a noção de alunos, estudantes, o “eu” passa a se tornar o nós uma identidade grupal.

Todo essa mudança no sistema de ensino moderno “remete à profunda vinculação da escola com os processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e

culturais” (FARIA FILHO, 1998, p. 140). Assim, para essa inculcação dos “nós” escolar, nos interessa saber qual o papel do uniforme escolar para essa percepção de grupo? Em que medida a vestimenta contribui para a percepção da identidade? Nos questionamos também se é possível identificar diferentes grupos nesse ambiente, e como se relacionam?

Por outro lado, podemos encontrar aqueles indivíduos que querem resistir, pois “toda mudança é geradora de ‘pequenas crises’: ela requer ‘um trabalho sobre si mesmo’, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender de novo, às vezes do zero” (DUBAR, 2009, p.196). Podemos assim pressupor que, alguns indivíduos ao entrar no ambiente escolar e ter que se ajustar as normas estabelecidas sentem como se a sua identidade pessoal fosse sufocada, o seu “eu” não lhe pertencesse mais. Ou seja, a partir do momento que se está dentro dos muros da escola o “eu” é esquecido dando enfoque para o aluno, o estudante, a identidade grupal.

Neste sentido, a identidade pessoal confronta-se com a identidade grupal. O indivíduo depara-se com uma crise das identidades, “o sujeito ‘em crise’ é também um sujeito social: trata-se para ele de encontrar marcos, pontos de referência, uma nova definição dele mesmo e portanto, dos outros e do mundo” (Ibid, p. 204).

Diante desses indivíduos que resistem, que lutam pela sua identidade pessoal, nos questionamos se será possível criar signos, referências para formação de grupos e se identificar dentro do ambiente escolar? De que maneira esses alunos lidam com o uso do uniforme escolar? Qual a relação que se estabelece entre a subjetividade do aluno e o uniforme escolar?

Compreendemos, que é de extrema importância perceber em questões referentes à formação identitária que tanto a construção da identidade pessoal quanto coletiva do indivíduo estão sempre em constante movimento,

A identidade pessoal dos sujeitos que aprendem não é, portanto, dada, tal e qual, no nascimento. Ela se constrói durante toda a vida. Mas não se reduz a uma interiorização ‘passiva’ e ‘mecânica’ das identidades herdadas, do conjunto das características ligadas ao nascimento (a forma cultural do Ego nominal) nem dos papéis estatutários predefinidos (a identidade estatutária do Ego socializado). Ao contrário, ela se conquista com frequência contra estes, por distanciamentos e rupturas, não excluindo nem as continuidades nem as heranças. A escola constitui seguramente uma oportunidade estratégica: ela permite fazer-se reconhecer ‘para si mesmo’ e não como ‘produto’ de um meio estatutário ou cultural dado (Ibid, p. 234)

Podemos assim observar, que a identidade de cada indivíduo vai se constituindo na relação entre o individual e o coletivo. Conforme nos aponta Dubar, para se compreender o processo da formação identitária é preciso estar atento às interações entre indivíduo e meio, tendo a escola como um espaço importante para essa interação e constituição.

3. Procedimentos metodológicos

Metodologicamente optamos por realizar uma pesquisa qualitativa pautada num olhar etnográfico, procurando compreender como o uniforme faz parte da biografia dos indivíduos e os significados a ele atribuído a partir da relação com a cultura escolar. Sendo a base do nosso trabalho a cultura escolar para compreendermos essa relação, Viñao Frago (2008), nos aponta que trabalhar com esse campo da cultura escolar implica em,

nuevos temas, nuevas fuentes (relativas al mundo de la imagen, egodocumentos, historia oral, prensa pedagógica, informes oficiales, trabajos de los alumnos, cuadernos y diarios de clase, relatos de aula, etc) o, si prefere, um modo diferente de mirar las fuentes conocidas, y um nuevo enfoque próximo o cercano a los de la antropología y la etnografía (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 18).

Neste trabalho assumimos um olhar etnográfico para a compreensão do objeto de pesquisa. Consideramos relevante trabalhar com uma perspectiva etnográfica, pois o método etnográfico é “composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado” (ECKERT; ROCHA, 2008, p.1). Assim, esse tipo de pesquisa nos auxilia por meio de um olhar e de uma escuta sensível e atenta, na prática da observação, da descrição e da análise das mais variadas interações e comunicações que acontecem no interior da escola, nos interessando assim, perceber a interação e comunicação entre o aluno e o uniforme escolar. Deste modo, para observarmos e compreendermos essa relação e interação, a etnografia possibilita “estudarmos o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para conhecer o Outro” (ECKERT; ROCHA, 2008, p.3).

Assim, pensando no campo de nossa pesquisa, optamos por uma escola pública, localizada na região da grande Florianópolis. O que nos mobilizou a optar por essa escola foi, primeiramente, a transição para o ensino integral que está acontecendo na escola, sendo assim, a cultura escolar desta escola também deve estar se modificando. Segundo, nessa escola o uso do uniforme é algo essencial e fundamental, pois se o aluno vier sem o uniforme seu nome é marcado no prontuário, sendo assim considerado um aluno indisciplinado, como vimos no tópico anterior a questão do disciplinamento com Foucault. Deste modo, o aluno tem que colocar uma blusa “branca” que é da escola ou voltar para casa para trocar de roupa, mostrando para os demais alunos que este não é um exemplo a ser seguido, e que quem foge da regra é castigado.

Inicialmente trabalhamos com instrumentos, tais como: diário de campo⁴ e entrevistas⁵. Compreendemos que o diário de campo consiste em ser uma base de acompanhamento que possui “pelo menos, duas fases de elaboração: a que produz *descrições superficiais* e aquela que constrói *descrições densas*” (VALENTE, s/d, p.1). Neste sentido, elaboramos inicialmente descrições superficiais como forma de apontamentos que auxiliassem e possibilitassem descrições densas. Descrições essas importantes para a construção de um diário de campo, capaz de mostrar detalhes, relações que acontecem no cotidiano escolar, possibilitando ao leitor situar-se desses movimentos e situações e ao pesquisador um rico instrumento de análise.

Ao utilizarmos as entrevistas, pretendemos compreender um conjunto de vivências e experiências dos indivíduos. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa serão uma fonte empírica relevante, uma vez que, segundo Santos (s/d, p.3), “entrevistas, depoimentos e histórias de vida são técnicas que vêm sendo utilizadas já há bastante tempo para se conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos sociais desde a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos”. Consideramos importante ressaltar que por meio das entrevistas e dos depoimentos, não estaremos construindo uma simples biografia, pois segundo Santos (s/d, p.5),

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Assim, as lembranças, além de oferecerem uma descrição de acontecimentos vividos, trazem também uma análise daqueles mesmos acontecimentos, dada a distância em que o entrevistado se encontra deles, e sua disposição em avaliar as transformações que vivenciou.

Deste modo, o entrevistado transitando por suas lembranças se relaciona com as práticas e relações sociais. Essa relação com o passado permite-o reelaborar e apreender as mudanças e permanências do que está no seu entorno.

⁴ O diário de campo conforme nos aponta Valente (s/d) primeiramente foi composto por descrições superficiais, eram elaborados apontamentos em forma de tópicos enquanto estávamos em campo, esses apontamentos nos davam indícios de situações que ocorriam no cotidiano escolar dos alunos e também alguns relatos informais destes alunos informando a sua relação com o uniforme escolar. Durante o período em que estivemos em campo realizamos todos os dias essas descrições superficiais, para possibilitar que assim que saíssemos da instituição pudéssemos elaborar a descrição densa do diário de campo. Deste modo, todas as semanas de observação continham essa relação entre as descrições superficiais e as descrições densas, para que ao conciliar as duas descrições nos auxiliassem como material empírico para a construção e análise das categorias desenvolvidas nesta pesquisa.

⁵ No apêndice deste trabalho podemos observar quais perguntas constituem essa entrevista. Após as entrevistas optamos por fazer uma transcrição literal, objetivando manter a originalidade das falas dos entrevistados como um meio de possibilitar que a identidade de cada indivíduo se apresente pelos modos diferentes de falar, pelos vícios linguísticos, as gírias que cada entrevistado possui.

Para realização desta pesquisa, utilizamos ainda a análise fotográfica como fonte secundária, possibilitando compreender as mudanças e permanências no uso do uniforme escolar a partir da década de 50.

Para a elaboração do diário de campo e para conseguirmos realizar as entrevistas, participamos efetivamente da experiência escolar vivida pelos estudantes, para compreendermos o significado do uniforme escolar e se este contribui para a construção de identidade a partir da relação com a cultura escolar. Deste modo, observamos cada movimento do cotidiano escolar dos estudantes, por exemplo, momentos de encontro com as diferentes turmas como, a hora de chegar a instituição, o recreio e a saída da instituição. Ainda observamos, momentos em que o grupo de estudantes é menor, como dentro da sala de aula, possibilitando uma maior interação entre aluno-aluno, aluno-professor e aluno-pesquisador.

Foram nesses momentos de observação que construímos o nosso diário de campo, uma ferramenta que combinada com as entrevistas individuais, deram suporte para análise de conteúdo, o que nos possibilitou compreender a relação que se estabelece entre aluno, uniforme escolar, cultura escolar e formação identitária.

4. Apresentação e análise da pesquisa

Buscando compreender o uso do uniforme escolar pela perspectiva do aluno, os sentimentos que este desenvolve e interessando-nos pelo movimento de permanências e mudanças no uso do uniforme escolar, analisamos o seu uso, em uma escola da rede estadual localizada na região da grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

4.1. Histórico da instituição⁶

A escola que foi o nosso campo de pesquisa, começou a ser construída no dia 17 de dezembro de 1939, sendo inaugurada em abril de 1941 pelo Exmo. Senhor Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal. No início de seu funcionamento a instituição era reconhecida como Grupo Escolar, possuindo uma estrutura com oito salas.

Em 1971, o Grupo Escolar foi elevado à categoria de Escola Básica pelo Decreto 10.403 de 8 de fevereiro de 1971 da Secretaria da Educação do Estado. Assim, ao longo do tempo a escola foi passando por reformas e ampliações para atender a demanda de seus alunos, como por exemplo, em 1986, foi implantado o Pré-escolar, convênio do Estado com a LBA, em 1987 foi construída sala de aula própria ao Pré-escolar. Ainda neste mesmo ano, foram construídas duas salas para o atendimento dos alunos com Deficiência Visual e Auditiva das Comunidades de Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas e Palhoça.

Outra grande mudança na escola foi em 1992, com o aumento da matrícula do Ensino Médio (2º grau). Devido ao excesso de matrículas na escolas próximas a Diretora da época se esforçou para que a Escola Básica passasse a ser o Colégio Estadual pelo Parecer n.º 348 de 15 de dezembro de 1992.

Em 2000, a Escola contava com mil e duzentos alunos distribuídos em três períodos, onde eram oferecidos para estes os três níveis de ensino, educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No ano de 2008, deu-se o término das atividades de Educação Infantil na escola. Em virtude do processo de municipalização do Ensino Fundamental, as Séries Iniciais também começaram a ser extintas gradativamente nos anos seguintes (2010 à 2015). Ainda em 2008, a tão idealizada reforma e ampliação da escola iniciou seu processo de

⁶ As informações sobre o histórico da instituição foram extraídas do Projeto Político Pedagógico da escola e de uma entrevista com a professora da coordenação pedagógica.

realização, possibilitando, deste modo, ser implantado o Projeto das Salas Ambiente, que priorizou a Disciplina de Língua Portuguesa.

Em abril de 2009 a escola foi inaugurada com a construção de três novas salas de aula, três novos banheiros masculino e feminino, sendo um deles adaptado para portadores de necessidades especiais, um auditório com capacidade para duzentos alunos e uma sala exclusiva para a secretaria escolar.

Em 2012, outra grande mudança aconteceu na escola, foi o início ao Projeto Ensino Médio Inovador nas primeiras séries desse nível de ensino. Os alunos que frequentam o referido projeto, passaram a ter aulas todos os dias pela manhã e também aulas diversificadas três vezes por semana no período vespertino.

Atualmente, a unidade escolar possui 1038 alunos matriculados, sendo a faixa etária deste correspondente a 09 e 18 anos. Para o funcionamento da escola, esta conta com um quadro de 60 funcionários. Referente a estrutura física, a unidade possui 19 salas de aula, todas salas ambiente, atendendo aos alunos de Ensino Fundamental (3ºano ao 8ª ano) e Ensino Médio.

4.2. As normas disciplinares

A constituição das normas disciplinares referentes ao ano letivo de 2014, foram construídas em conjunto pelos professores da escola, direção e toda a equipe de coordenação pedagógica. Após a elaboração e discussão das normas, foi realizada uma assembleia em que pais e professores deviam estar presentes para a votação e discussão de cada item correspondente as normas disciplinares e também aos aspectos gerais da organização escolar.

Compreendendo que normas são fundamentais para a convivência humana, para a relação com o outro, a instituição escolar na qual esta pesquisa foi realizada, busca por meio dessa apresentação e discussão das normas disciplinares uma maior aproximação entre a família e a escola, de um modo que família, alunos e professores sintam-se parte da escola.

Em fevereiro de 2014 aconteceu portanto a assembleia de pais e professores, nela foram discutidas desde os aspectos mais gerais da escola, como por exemplo os horários das aulas, a frequência, como se proceder quando o aluno chega atrasado ou quando o mesmo precisa ser liberado da instituição mais cedo. Ainda nesse quadro de assuntos gerais, entrou em discussão o intervalo das aulas nas salas temáticas, as saídas de estudos e a hora atividade dos professores. Como esses itens citados acima, são de

ordem mais geral, não foram muito discutidos na assembleia, a sua maioria foi apresentado e os pais votavam concordando com o que havia sido exposto.

Entendemos que além dessas normas de ordem mais geral que corresponde a funções básicas da escola, existem também as normas em que os alunos apresentam ter mais resistência, como por exemplo o uso do celular na instituição e o uso do uniforme escolar.

Referente ao uso do celular, percebe-se que por mais que a Lei 14.363/08 proíba o uso de telefones celulares em escolas públicas ou privadas, os alunos resistem e continuam a fazer uso destes aparelhos até mesmo em sala de aula, segundo a direção da escola. Diante, desse movimento ficou acordado que: caso o aluno não cumpra a Lei, o celular será recolhido e entregue para a equipe pedagógica juntamente com um relatório, sendo que o mesmo será entregue apenas para o responsável do aluno.

Outra norma muito discutida, e que pressupomos trazer muitos desafios para a instituição, é referente ao uso do uniforme escolar. Em assembleia, por um lado alguns pais argumentavam a favor do uso do uniforme escolar, como por exemplo “a organização de uma escola, se começa pelo uso do uniforme escolar. Se queremos uma escola organizada é preciso começar por essa norma” (Diário de campo, 27 de fevereiro de 2014), ou ainda, “o uniforme é importante para evitar desfile de moda”, “é uma maneira de identificar os alunos” (Diário de campo, 27 de fevereiro de 2014). Mas por outro lado, haviam pais que eram contra o uniforme ser cobrado de forma obrigatória, pois nem todos os alunos gostavam de usá-lo. Deste modo, diante dos pensamentos diferentes que os pais iam apresentando foi necessário fazer uma votação para definir como se constituiria a norma disciplinar sobre o uniforme escolar, ficando acordado que o aluno precisa estar devidamente uniformizado, ou seja, ele precisa usar a blusa branca com o emblema da escola estampado para adentrar o recinto escolar. Sendo que, se algum aluno não apresentar-se uniformizado caberá aos responsáveis pela direção escolar informar os responsáveis pelos alunos, possibilitando que estes se justifiquem ou levem o uniforme para que o aluno possa participar das aulas normalmente.

Em relação a norma disciplinar voltada para o uso do uniforme escolar, podemos perceber algumas mudanças dos anos anteriores para este, pois nas primeiras aproximações com o campo enquanto pesquisadora, observamos⁷ que a norma referente

⁷ Além das primeiras observações realizadas em 2013, percebemos algumas mudanças, pois antes de estar na posição de pesquisadora, fui aluna da instituição e recordo que a norma institucional era bem rígida, não era permitido outra vestimenta sobre o uniforme e ainda era preciso vir todos os dias com o mesmo.

ao uso do uniforme era mais flexível, a norma não era tão rígida, era permitido os alunos virem com outras camisas sobre o uniforme escolar, mesmo se essas camisas fossem de manga curta, por exemplo. Ainda, no ano anterior nas sextas-feiras era permitido aos alunos virem com blusas usadas em alguns eventos da escola, como por exemplo, a blusa preta utilizada no desfile de 7 de setembro. Diante dessas mudanças, nos interessa perceber a relação que se estabelece entre os diferentes sujeitos que compõem o ambiente escolar como os alunos, os dirigentes, os funcionários e ainda os pais dos alunos.

Enfim, além dos itens de ordem mais geral e aqueles⁸ que por serem Lei a direção apenas os apresenta, voltamos o nosso olhar especificamente para a norma disciplinar referente ao uso do uniforme escolar. Nos questionamos, como os alunos se relacionam com esta norma? Eles criam estratégias para burlá-la? Qual o significado do uniforme escolar para esses alunos que resistem a norma e não querem usar o uniforme? Ainda, qual o significado para aqueles alunos que não questionam as normas estabelecidas?

4.3. Entrando em campo

Conforme já citado neste trabalho, a temática envolvendo o uniforme escolar vem despertando interesse desde 2012 como o projeto de iniciação científica. Mas, o interesse pelo campo de pesquisa surgiu em 2013, após muitas discussões no grupo de pesquisa e muitas orientações para o amadurecimento do tema do projeto. Deste modo, em outubro de 2013 foi feito o primeiro contato com a instituição na posição de pesquisadora, pois como já mencionado, já havia estudado na instituição durante todo o ensino médio. Assim, fizemos a primeira aproximação com o campo, na conversa com o diretor da instituição foram esclarecidos os interesses da pesquisa, quais seriam os sujeitos, o período da observação, como e os locais em que aconteceriam as observações e quais os dias que eu estaria em campo. Durante a conversa o diretor mostrou-se a vontade com a pesquisa sendo realizada na instituição, pois seria interessante a relação

⁸ Além das normas de ordem mais geral caracterizadas para a organização e funcionamento da instituição que são discutidas e elaboradas por pais, professores e dirigentes, existem normas que por serem decretadas como Leis não podem ser modificadas, como por exemplo uso do celular dentro da escola, proibição do cigarro e bebidas alcoólicas, violência e desacato contra funcionários. Essas normas que se caracterizam como Leis apenas são apresentadas para pais, professores e alunos da instituição, elas não foram alteradas na instituição das normas disciplinares para o ano letivo de 2014.

que se estabeleceria da instituição com a universidade, deixando assim as portas abertas para que retornasse em 2014 e pudesse realizar o trabalho.

4.4. Os sujeitos da pesquisa

Por se tratar de tentarmos compreender o significado do uso do uniforme escolar na constituição da identidade dos estudantes na sua relação com a cultura escolar, pensamos mais relevante os sujeitos dessa pesquisa serem os alunos do ensino médio, pois já estão na fase final da educação básica.

No início da pesquisa as observações foram feitas fora das salas de aulas, assim eram observados os momentos em que os alunos estavam chegando na escola e ficavam pelos seus corredores, durante o recreio, nas aulas de educação física e em alguns momentos em que estivessem com aula vaga. Neste momento inicial da pesquisa estavam sendo observadas 11 turmas do ensino médio, sendo que cada turma possui em média 34 alunos.

Com o decorrer das observações, optamos por acompanhar regularmente três turmas do ensino médio, a turma 101 do primeiro ano do EM, a turma 203 do segundo ano do EM e a turma 302 do terceiro ano do EM. O objetivo era observar essas turmas com mais frequência para entrar na sala de aula e participar do cotidiano escolar dos alunos, perceber os interesses deles, as suas dificuldades, começar a ser vista por eles como alguém com quem eles pudessem estabelecer um vínculo de amizade.

4.5. Observação participante

Para alcançar o objetivo proposto da pesquisa, foi realizado uma primeira aproximação com o campo em 2013, que possibilitou um primeiro contato com a instituição. Nessa primeira aproximação foram quatro visitas, totalizando 16 horas, que nos possibilitaram questionamentos fundamentais para o desenvolvimento deste projeto. Além desse estudo inicial, foram realizadas 124 horas de observação participante no ano letivo de 2014. Além das observações, foram realizadas também 15 entrevistas, sendo 14 delas com alunos e uma com a funcionária⁹ da instituição.

⁹ Salientamos que realizamos apenas uma entrevista com uma funcionária da instituição, pois devido ao tempo não conseguimos entrevistar os demais professores e funcionários que compõem esse grupo escolar. Ainda ressaltamos que entrevistamos esta funcionária, pois ela é a responsável pela vigilância e controle dos uniformes escolares na entrada da instituição, nas visitas pelos corredores e salas de aula e entre os outros artifícios de controle e disciplinamento que a escola dispõem. Assim, pensamos ser

As observações aconteceram durante o período matutino, foram acompanhadas três turmas do ensino médio, assim tornou-se necessário planejar e organizar quais os dias e quais as aulas seriam observadas, para que fossem contempladas todas as turmas. Deste modo, as segundas-feiras ficaram destinadas à turma 101, as terças-feiras à turma 202, as quartas-feiras era realizado um rodizio entre as turmas e as quintas-feiras era observada a turma 302.

Os dados gerados pelas observações foram registrados em diário de campo, compreendemos o quão importante foi essa ferramenta neste período de observação, pois

registrar não é uma técnica: é vida! É cada qual se responsabilizar por seus desígnios, por seus projetos. É lançar-se para frente. Ver-se e rever-se. É envolver-se com o resgate do ato criativo, que envolve, necessariamente, o resgate da palavra. Processo esse que, sabemos, nem sempre é prazeroso (OSTETTO, 2008, p. 25).

No diário de campo foi possível registrar um recorte da vida da instituição, cada movimento, cada apropriação que se fazia no espaço escolar, os acontecimentos do cotidiano dos alunos, como por exemplo, os rituais de entrada na escola,

Cheguei na escola, a funcionária estava na porta de entrada, conferindo quem vinha de uniforme. Assim que me aproximei ela me perguntou “cadê o uniforme” eu lhe respondi “Oi, tudo bem? Eu não sou aluna da escola lembra? Eu sou a moça dos uniformes”, “Ah! sim, pode entrar”. Assim, que eu entrei fiquei próxima ao armário dos alunos, em frente a direção, e observei que haviam muitos alunos do lado de fora da escola, pois estavam sem uniforme (Diário de Campo, 06 de março de 2014).

Assim que cheguei novamente não havia alunos no portão da escola, aparentemente a maioria deles estão vindo uniformizados. Entro na escola, e fico pelo corredor, como em todos os dias os alunos a medida que vão entrando na escola mostram se estão ou não sem uniforme para a funcionária, mesmo aqueles que usam moletons ou algum outro tipo de casaco precisam apresentar que estão de uniforme escolar (Diário de Campo, 25 de março de 2014).

Ainda no diário de campo, foram registrados situações observadas no ano letivo de 2013, que possibilitaram perceber a relação e a formação de diferentes grupos dentro do espaço escolar:

indispensável a realização desta entrevista, pois além de compreendermos o significado do uniforme escolar para os alunos retrataremos um fragmento de como esse uniforme é visto pela instituição e principalmente pela funcionária responsável pelo controle dos uniformes.

Grupo do rock: sentam-se nas fileiras da parede, utilizam blusas xadrez, tons mais escuros de casacos ou jaquetas jeans, tênis da marca *all star* ou *coca-cola*, calça *skinning* preta ou azul marinho, mochila ou bolsa na cor preta com pouca estampa. Ainda se destacam pelo corte de cabelo, alguns estão pintados e com a franja puxada na lateral, já outras meninas têm o cabelo estilo Chanel e alguns usam *piercing* no nariz.

Grupo da moda: esse grupo se constitui tanto por meninas quanto por meninos. Os meninos se preocupam bastante com o corte de cabelo, expressam um cuidado com o uniforme, por exemplo não querem praticar aula de educação física para não ficarem suados, outros alunos levam roupa extra para fazer a aula de educação física. Ainda os meninos, que se identificam com esse grupo usam *cardigans* ou jaquetas mais leves sobre os ombros. As meninas desse grupo, sentam mais no fundo da sala, e estão sempre conversando sobre roupas, tendências, vão com frequência ao banheiro olhar a aparência e usam o tênis da moda, os shorts jeans da moda, ou seja estão sempre de acordo com as tendências da estação.

Grupo das românticas: esse grupo se caracteriza por ser exclusivamente do universo feminino e principalmente por serem meninas que estão no começo da adolescência, recém chegando no ensino médio. Esse grupo de meninas senta-se nas primeiras carteiras bem em frente à mesa do professor, e em todas as aulas elas desenham em seus cadernos corações com os nomes dos seus respectivos namorados, desenham pelo corpo o nome deles com corações ao lado e sempre conversam sobre romance, namoro e se vestem com roupas meigas de tonalidades claras, com detalhes em renda e pérolas bordadas.

Grupo dos jogos digitais: esse grupo se caracteriza por alunos do sexo masculino que não se interessam pela prática de esportes, o que os leva a se identificarem com esse grupo é o desejo por jogos digitais sejam eles jogos online ou não de computadores ou de vídeo game. Este grupo de alunos senta sempre junto na sala não importando se são nas carteiras da frente ou no fundo da sala.

Devido a percepção de formação de diferente grupos, a característica de cada um que nos levou a optar por entrevistas individuais com pelo menos um integrante de cada grupo. Porém, percebemos que essa identidade grupal no ano letivo de 2014 foi deixando de ter a importância que tinha no ano anterior.

As relações registradas entre aluno-aluno, aluno-instituição e aluno-uniforme, os relatos informais dos alunos sobre o uso do uniforme escolar suscitaram reflexões e questões que foram sendo tecidas ao longo da escrita do diário de campo.

Com essas duas ferramentas, observar e registrar, entramos em campo, e como nos aponta Ostetto (2008), esta tarefa nem sempre é prazerosa, houveram momentos na observação em que nos deparamos com as dificuldades, como no início das observações em que os alunos ficavam distantes, com olhares desconfiados

Volto para os corredores, mas o sinal já está quase batendo novamente. Assim, que o sinal toca, entro na sala e sento na última carteira da fileira da parede, os alunos me olham desconfiados e perguntam entre si, “quem é aquela moça?”, “é aula de artes né?”. Alguns sentam próximos de mim e perguntam “você é aluna nova?”, respondo que não e logo eles voltam a fazer a atividade proposta com tinta e esquecem que eu estou ali na sala (Diário de campo, 06 de março de 2014).

Além dos olhares desconfiados dos alunos, encontramos dificuldades também para observar os grupos de alunos fora da sala de aula,

Vou para a mesinha do pátio, mas são muitos alunos e não sei o que fazer, é difícil até tentar criar um vínculo com a turma porque são muitas turmas fora da sala, fico em dúvida se já é o momento de me aproximar dos pequenos grupos que vejo, mas penso no que falar, como vou me apresentar para não influenciar na resposta dos estudantes, paro, penso e prefiro esperar essa semana passar, aguardar pela orientação para ver o que vamos fazer (Diário de Campo, 10 de março de 2014).

Com o passar das semanas, os alunos foram se aproximando e assim as observações foram se tornando mais prazerosas,

A professora começa então a retomar a matéria iniciada na aula passada, os alunos se mostram bem participativos e por vezes parecem esquecer da minha presença na sala, ou já se acostumaram com ela, pois agora não há mais aqueles olhares tão desconfiados, os olhares mudaram, sinto que aos poucos estamos se aproximando (Diário de Campo, 20 de março de 2014).

Começo a perceber que aos poucos, vou fazendo mais parte do grupo, pois os alunos começam se sentir mais à vontade com a minha presença em sala, como por exemplo, o aluno sentado à minha frente deixa alguns objetos caírem no chão então ele olha para mim e dá um sorrisinho que indica “puxa que bagunça fiz”, ou seja, eles não me olham mais como se fosse uma estranha, mas sim mais uma aluna na sala, algumas vezes até mesmo os professores me entregam as

atividades que passam para os seus alunos ou os alunos deixam livros e atividades na minha mesa (Diário de Campo, 27 de março de 2014).

Estabelecer esse vínculo de amizade com os alunos tornou-se importante no decorrer das observações, pois sendo aceita pelo grupo possibilita perceber os interesses, as necessidades e as afetividades desse grupo de alunos. Essa percepção, mesmo que as vezes superficial, permitia procurar perceber o significado do uniforme escolar para os alunos.

4.6. Apresentação das categorias de análise

Trataremos agora de modo mais específico do momento analítico da pesquisa. A análise está estruturada do seguinte modo, primeiramente apontaremos por meio de imagens as mudanças e permanências referente ao uso do uniforme escolar. Nesta parte do trabalho podemos perceber os movimentos da cultura escolar desta instituição no decorrer do tempo, ainda observaremos com o auxílio destas imagens, a relação entre uniforme escolar e disciplinamento do corpo. Em seguida, apresentaremos as categorias que foram desenvolvidas a partir da análise, relacionando-as com os conceitos que balizam a pesquisa. Avançamos no sentido de apresentar a relação, sempre tensa, entre a perspectiva institucional que produz e desenvolve diferentes estratégias para instituir a norma, e por outro lado, procuramos compreender de que maneira os alunos se relacionam com a norma presente na cultura escolar da instituição com relação ao uso do uniforme escolar, e de que modo essa relação opera na constituição da identidade desses sujeitos.

Assim, as categorias desenvolvidas durante a pesquisa estão estruturadas por dois grupos que balizam a pesquisa, de um lado temos a instituição das normas disciplinares, gerando a **uniformização dos corpos**, que retrata a perspectiva institucional, e, por outro lado, a **relação ambivalente com a norma institucional**, que sintetiza a maneira como os alunos se relacionam com a norma e a cultura escolar. Neste item encontramos alunos que depositam uma positividade da norma institucional, como a **estética e cuidado**, o **uniforme como um meio de comunicação** e a **relação utilitária com o uniforme escolar**, e também aqueles alunos que questionam a norma, ocasionando a **customização do uniforme escolar** e por último a **constituição da identidade a partir da relação com a norma institucional e o uniforme escolar**.

Após as primeiras aproximações com o campo realizadas em 2013 e com as nove semanas de observações participantes realizadas em campo no ano letivo de 2014, foi possível perceber que ocorreram mudanças referentes a relação entre uniforme escolar e norma institucional. Observamos durante esse período que estivemos inseridos no campo que o que mudou ao longo do tempo não foi tanto o modelo do uniforme, mas sim a aplicação da norma, pois

Conversei com a assistente pedagógica que me informou não haver um livro específico sobre a memória da escola, mas que haviam algumas fotografias no computador da escola. Ainda nesta conversa, ela me informou que trabalha na instituição há oito anos e o uniforme da escola não havia mudado (Diário de campo, 06 de março de 2014).

O uniforme¹⁰ que os alunos utilizam no seu cotidiano é uma camisa branca com o emblema bordado em azul marinho, assim como o modelo esportivo esse emblema não é centralizado, ele é colocado mais acima na lateral.

Imagem 1: uniforme esportivo homenageando a semana da pátria - 2006.



Fonte: acervo próprio da instituição.

A partir da imagem e do depoimento da funcionária da escola, podemos compreender não somente o movimento histórico do uniforme escolar, mas também

¹⁰ Optamos por não colocar imagem do uniforme que os alunos utilizam no seu cotidiano escolar para preservar a imagem da instituição e dos alunos.

perceber que esses materiais são registros da cultura escolar, mostrando que esta não é algo linear. Nesse sentido, segundo Viñao Frago (S/D, p. 9),

Las instituciones escolares cambian. Son una combinación – entre muchas otras posibles- de tradición y cambio, consecuencia de decisiones relativamente limitadas por factores externos, condicionantes tecnológicos y una serie de prácticas sedimentadas em el tempo que suelen agruparse bajo la denominación de cultura escolar.

Pode-se assim perceber que as culturas escolares são para este autor toda a vida escolar, tudo aquilo que é material e imaterial, práticas afetadas por ações internas e externas a escola. Podemos, compreender que as culturas escolares são ações que acontecem tanto dentro quanto fora da instituição, práticas que vão desde a elaboração das normas disciplinares, a sua aplicabilidade, enfim todas as relações que acontecem entre todos os sujeitos que compõem esse campo escolar.

Durante o período que estivemos em campo, pudemos observar o movimento que ocorre na cultura escolar por meio de uma das diferentes formas que a mesma se manifesta, quando por exemplo as normas disciplinares da escola são discutidas com todos os sujeitos do ambiente escolar. Deste modo, conforme Viñao Frago nos apontou, a cultura escolar vai se constituindo também por fatores externos a instituição, como, através dos pais dos alunos. As normas disciplinares, com ênfase para a questão do uniforme escolar, são primeiramente elaboradas pelos dirigentes e funcionários da instituição, para após serem apresentadas, discutidas e aceitas pelos pais dos alunos através de uma assembleia entre pais, alunos, professores e dirigentes. Essa relação família e escola, por muitas vezes também é tensa, pois durante a assembleia a vice-diretora da instituição argumentou que

o uso do uniforme é a segunda grande polêmica da escola, pois em assembleia com vocês, os pais é acordado cobrar o uso do uniforme, mas depois os alunos aparecem na escola sem uniforme, portanto é preciso haver dialogo e colaboração entre família e escola, certo? (Diário de Campo, 27 de fevereiro de 2014).

Após a diretora ter argumentado, reforçando que é preciso estabelecer um laço mais sólido entre família e escola, alguns pais começaram a expor suas opiniões sobre a importância do uso do uniforme escolar, para que assim fosse sendo constituída a norma referente ao mesmo,

“eu acho que não se deve entrar sem uniforme na escola”, “eu também concordo, pois a organização de uma escola se inicia pelo uso do uniforme”, “é pelo uniforme que se mostra a organização da escola”, “o uniforme é uma maneira de identificar, até mesmo identificar os

alunos que estão matando aula”, “o uniforme é preciso para evitar desfile de moda” e ainda “aluno que trocar de roupa no intervalo das aulas, o professor deve tirar da sala e mandar para a direção da escola” (Diário de campo, 27 de fevereiro de 2014).

Podemos perceber por meio dos argumentos dos pais, que para estas escola organizada usa uniforme escolar, ele deve ser cobrado de cada aluno e ainda, além de os pais mandarem seus filhos devidamente uniformizados é necessário que os professores das instituições estejam atentos para aqueles alunos que tentarem burlar a norma ao trocarem de vestimenta no intervalo das aulas, por exemplo. Dessa maneira, observamos como a cultura escolar se modifica no sentido de incorporar elementos que são oriundos do contexto extraescolar.

Neste sentido, durante o primeiro contato com a instituição o diretor ressaltou que a importância do uso do uniforme escolar,

pois a comunidade vendo que na escola todos os alunos estão devidamente uniformizados, respeitando as regras, eles vão perceber que aqui é uma escola organizada que preza pelo bom comportamento, e é importante que a sociedade veja a escola assim (Diário de campo, 04 de novembro de 2013).

Compreendemos assim, que a cultura da escola vai se constituindo também por fatores externos a ela, como por exemplo no uso do uniforme escolar, devido a demanda da comunidade torna-se indispensável o seu uso para apresentar ser uma escola organizada e disciplinada.

Veremos adiante como vai se modificando e se constituindo a cultura escolar desta instituição, e ainda como a relação entre os diferentes sujeitos que compõem o ambiente escolar não é uma relação direta, mas sim uma relação tensa.

Em relação a normas disciplinares referentes ao uso do uniforme escolar, pode-se perceber algumas mudanças que foram sendo indicadas pelos alunos ao longo da pesquisa, “tipo ano passado quando eu não vinha com o uniforme e podia entrar, eles me davam o uniforme, já esse ano não pode entrar (Entrevista aluno do grupo do rock, 22 de abril de 2014)”. Outros alunos, apontam ainda que

Desse ano para o ano passado mudou bastante, porque no ano passado eles deixavam os alunos acho que mais soltos vamos assim dizer, e esse ano não, ele está mais rigoroso, mudou pra caramba. [...] algumas normas podiam mudar que nem o uniforme, o uniforme tem que vir todo o santo dia, mas foi mudado, ano passado na sexta-feira você podia vir sem uniforme, esse ano não todo dia você tem que vir e isso podia mudar (entrevista aluna grupo da moda, 29 de abril de 2014).

Observamos deste modo, que nos anos anteriores os alunos podiam vir pelo menos um dia da semana sem o uniforme escolar, os alunos podiam ainda colocar outra vestimenta sobre o uniforme mesmo que essa roupa fosse de manga curta, como por exemplo,

Já no primeiro dia de observação foi possível observar que os alunos vem com a sua blusa branca do uniforme e o apresentam na entrada da escola. No entanto, alguns alunos colocam outra vestimenta sobre o uniforme, como por exemplo algumas meninas colocam blusas básicas de uma cor só sobre o uniforme. Já outras meninas, colocam outro tipo de vestimenta como as blusas pretas com estampas de bandas de Rock, que caracterizam um determinado grupo (diário de campo, 04 de novembro de 2013).

Nas primeiras aproximações com o campo foi possível perceber esse movimento que os alunos indicavam em seus depoimentos, no ano anterior os alunos possuíam mais espaço para virem com uma blusa sobre o uniforme, para uma vez na semana poderem vir com a roupa que quisessem.

Entretanto, no ano letivo de 2014 mudanças ocorreram, conforme foi definido em assembleia com os pais e professores que seria necessário os alunos apresentassem no portão de entrada da instituição a blusa branca com o emblema da escola, e seu uso deve ser regular sem espaço para algum dia da semana o aluno vir sem uniforme. Diante desta situação, alguns alunos não se sentiram confortáveis com essas mudanças, pois

Algumas pessoas, por exemplo, não se sentem confortáveis ao usar o uniforme, por exemplo eu não me sinto confortável em ficar muito igual as outras pessoas (Entrevista aluna do grupo do rock, 05 de maio de 2014).

Diante das mudanças feitas na instituição, alguns alunos acabam criando estratégias para burlar as normas disciplinares, por exemplo

Esse ano eles estão bem mais rígidos com o uso do uniforme, [...] então os alunos normalmente colocam o casaco de propósito para poder usar outra roupa por baixo, geralmente eles vem com uma blusa branca mesmo quando o uniforme está limpo (Entrevista aluna do grupo do rock, 05 de maio de 2014).

No entanto percebemos que o uso do uniforme escolar possui um sentido diferente para os alunos, pois de um lado temos alguns alunos que apresentam resistência a norma do uniforme, e por outro lado há alunos que concordam com a norma da instituição

Eu acho que tem que ter norma porque não dá para deixar todos os alunos soltos, sem ter algum tipo de disciplina, isso já nos ensina a

aprender que na vida nada é como a gente quer, nós precisamos seguir normas para viver em sociedade (Entrevista aluna do grupo do rock, 22 de abril de 2014).

Após essa mudança na cultura escolar referente ao uso do uniforme escolar, percebemos na instituição da norma a presença da **uniformização dos corpos**, como uma estratégia institucional, uma necessidade não só da escola, mas também dos pais de controlarem e disciplinarem os alunos que se relacionam na escola. Foi possível perceber que esse controle e disciplinamento era mais intenso em algumas situações do cotidiano escolar, como por exemplo,

Chegando na escola, como de costume, a funcionária estava no portão cobrando o uso do uniforme dos alunos, e devido a norma rígida não havia alunos sem uniforme no portão da escola. (Diário de Campo, 31 de março de 2014).

Além da vigilância na entrada da escola conferindo se os alunos estavam devidamente uniformizados, havia outros dispositivos de controle como o caderno em que era anotado o nome daqueles alunos que estavam irregulares e as visitas nas salas para conferir novamente se todos estavam devidamente com seus uniformes. Durante o período que estivemos em campo, foi possível perceber, que a funcionária que exercia esse papel de vigilante, fazia-o com muita satisfação e realização, uma vez que, no entendimento dela,

todas as escolas deveriam cobrar o uniforme escolar, pois é uma maneira de identificar os nossos alunos, como em um acidente, por exemplo, e ainda economiza roupa e não vira um desfile de moda, antes era um desfile dentro da escola (Entrevista funcionária da instituição, 23 de abril de 2014).

Ainda, devido a este ano letivo as normas disciplinares estarem sendo cobradas mais rigidamente, se forem comparadas com os anos anteriores, para esta funcionária “é preciso ter norma, com as normas eles estão ficando mais responsáveis” (entrevista funcionária, 23 de abril de 2014). Do mesmo modo, em outros momentos a funcionária demonstrava o quão realizada se sentia ao realizar seu papel, pois de alguma forma ela se sentia útil para contribuir com a organização da escola, e também “me disse a funcionária “a escola está linda, pois todos os alunos vieram de uniforme, quase não se vê criando estratégias para de alguma forma vir sem uniforme” (Diário de campo, 10 de março de 2014).

Percebemos que com essa rigidez referente às normas disciplinares, um dos objetivos da instituição é de disciplinar os seus alunos, conforme indicado pela funcionária, eles estão se tornando mais responsáveis devido a aplicação destas regras. No entanto, mesmo com a norma sendo aplicada rigidamente a escola dispõe de um acervo próprio de uniformes escolares com um código estampado na parte da frente da blusa, o objetivo deste uniforme é de ser emprestado para que aqueles alunos que tentarem burlar a norma, vindo neste caso sem o uniforme escolar. Assim, esse aluno que é considerado um mau exemplo para os demais, deve colocar este uniforme para que todos os outros vejam que aquele aluno veio sem uniforme, e que por isso está usando o uniforme emprestado da escola.

Deste modo, podemos perceber a relação que se estabelece entre vigilância e castigo, ao se identificar os alunos com maus comportamentos “castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto, ser essencialmente corretivo” (Ibid, 1987, p. 150). Assim, a funcionária que vigia percebe cada movimento que acontece na entrada da instituição até entre os corredores, “lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (Ibid, 1987, p. 123). Portanto, o vigilante ao perceber que algum aluno burlou a regra da instituição lhe aplica o castigo para que este seja corrigido, como por exemplo no uso do uniforme escolar.

No entanto, devemos ressaltar que essa postura de vigilante não é tomada por todos os atores da escola da mesma forma, como foi pedido pelos pais em assembleia, pois, “os alunos criam meios para burlar as regras. Exemplo: troca de uniforme quando entram na escola ou na Educação Física. Se os professores cooperassem, cobrassem as regras seria bem melhor” (Entrevista funcionária, 23 de abril de 2014). Durante as observações foi possível perceber que nem todos os professores fazem cumprir a normas, como por exemplo

No meio da aula, alguém bate na porta, o professor abre e vemos que era a funcionária de instituição dizendo “alunos da 302, quem estiver sem uniforme é para ir trocar, o diretor não quer ver ninguém sem uniforme na escola”, deste modo, os alunos que estavam sem uniforme desde a aula de educação física pegaram em suas mochilas as blusas de uniforme e foram ao banheiro trocar de roupa. (Diário de Campo, 25 de março de 2014).

O sinal tocou para a aula de educação física, os alunos estavam animados, pois o ginásio havia sido inaugurado e, portanto, realmente

fariam aula de educação física. Os meninos foram para a quadra jogar futebol e as meninas pegaram uma bola de vôlei e jogaram ao lado da quadra. A diferença que percebi é que no ginásio alguns alunos participam da aula de educação física, mas sem muita cobrança. Nenhum aluno trocou de roupa para fazer a aula, talvez até eles desconfiavam se realmente iriam ter aula de educação física.

Deste modo, percebe-se que essa postura de vigilância para que a norma se cumpra não é adotada por todos os atores da escola, pois em uma das situações nos deparamos com alunos que ficaram desde a aula de educação física sem o uniforme escolar, e em outra situação outros alunos que não estavam com roupas adequadas para praticar a aula de educação física.

Nos ocuparemos a seguir como a apresentação das categorias que abordam a relação dos alunos com a cultura escolar, em particular com a norma referente ao uso do uniforme escolar na constituição da identidade desses sujeitos. Salientamos, ainda, que essa relação é de caráter ambivalente, ao mesmo tempo que se positivam aspectos da norma escolar, ao passo que também se procura a transgressão dessa mesma norma.

No decorrer da pesquisa, observamos que os alunos possuem uma **relação ambivalente com a norma institucional**. Nessa relação temos, de um lado, aqueles alunos que depositam uma positividade na norma institucional e delegam a escola um papel essencial para a sua constituição, “eu acho que a norma até ajuda, dando mais responsabilidade assim, com a disciplina escolar é melhor” (Entrevista aluno do rock, 22 de abril de 2014), ou, “de certa forma sim, porque querendo ou não as regras vão formar o aluno, vai fazer ele aprender a ser mais responsável” (Entrevista aluna, 05 de maio de 2014). Estes mesmos alunos atribuem um grande papel a escola,

se é para o bem da escola não está afetando ninguém, é coisa normal vir de uniforme, trazer a carteirinha é mais que obrigação do aluno. Eu acho que não precisa mudar nenhuma norma, está bom, a norma é boa os alunos que não cumprem, tipo eu sou a favor das normas (Entrevista aluna grupo do rock, 29 de abril de 2014).

Neste movimento de modificação e aplicação da norma institucional, observamos outras situações nas quais os alunos que avaliam positivamente a norma institucional,

eu acho que toda escola tem que ter normas, porque é necessário, porque todo aluno é diferente então é preciso colocar uma regra aqui dentro para não ficar uma bagunça (entrevista aluna do grupo do rock, 22 de abril de 2014).

não, eu vejo as normas como algo punitivo, eu vejo que são necessárias para o convívio, eu concordo com a maioria das normas da escola (Entrevista aluna do grupo do rock, 22 de abril de 2014).

Além desses alunos outros justificam a importância da norma institucional para evitar a “bagunça” dentro do ambiente e promover a ordem, por mais que não gostem de algumas normas. Compreendemos, o uso do uniforme como um meio de passagem do indivíduo aquele que é singular, para o aluno aquele que compõe um grupo escolar. Neste sentido, Faria Filho (1998) nos aponta a constituição de uma escola separada da casa e da rua, a subjetividade desse menino ou menina vai dar passagem para a formação do aluno, um processo de unificação, padronização, pois

Observou-se que a generalização do emprego do termo aluno(a), em substituição a outros – como criança, ou menino e menina – se dá no interior do processo de racionalização da educação, processo este que, como mostra Chervel (1990), teve uma íntima ligação com o fortalecimento das disciplinas escolares como componentes fundamentais da instituição escolar. (FARIA FILHO, 1998, p. 144).

Dentro da perspectiva de avaliar positivamente a norma institucional, percebemos, uma preocupação com a **Estética e cuidado** em relação ao uniforme escolar. Muitos alunos, por mais que não gostem de estarem uniformizados se mostram preocupados com a sua estética,

Assim que cheguei na escola, percebo que haviam muitos alunos do lado de fora na entrada da escola, pois como estava chovendo muito naquele dia os alunos paravam ali para guardar a sombrinha, as meninas e também os meninos ajeitavam os cabelos, a roupa, enfim eles queriam se recompor antes de entrar definitivamente na escola (Diário de Campo, 27 de março de 2014).

O período da observação ainda, nos possibilitou observar que para a instituição os alunos estando uniformizados representa uma escola disciplinada, organizada, uma escola limpa e bonita, pois em um dos momentos “vou até o portão da escola para encontrar a funcionária, assim que me aproximo ela me fala “olha que bonito, todos os alunos de uniforme dona” (Diário de Campo, 23 de abril de 2014). Podemos assim compreender que essa preocupação com a estética, tanto dos próprios alunos quanto do ambiente escolar é produto da norma sendo cumprida, a preocupação com a estética nos remete a pensar como mais um artifício de controle e disciplinamento dos corpos.

Observamos assim, que os alunos possuem preocupação com a sua aparência, cuidando para que este uniforme sempre esteja limpo, bem passado, sem manchas. Esse

cuidado com o uniforme nos leva a perceber que o cuidado com a estética que os adolescentes possuem, com a sua aparência, com um corpo apumado, disciplinado. Demonstrando, assim que cuidam para que essa blusa branca continue desse jeito, pois uma mancha, um amassado pode transmitir a imagem de sujeito sujo e mal higienizado.

Além do seu lugar com relação a cultura escolar, norma institucional e identidade, os alunos consideram também o **uniforme como um meio de comunicação**: “eu gosto de usar uniforme, porque pode me identificar, eu posso estar fora da escola sofrer um acidente, aí eles me vendo de uniforme vão saber que eu sou aluna dessa escola, vai ser mais fácil para comunicação eu acho” (Entrevista realizada com aluna, 23 de abril de 2014), “se acontecesse algo comigo na rua alguém ia saber que eu estudava lá, então ele identifica” (Entrevista aluna, 05 de maio de 2014). Ainda, ao analisarmos as entrevistas, percebemos que muitos alunos associaram o uso do uniforme escolar como um meio de comunicação, sendo essa uma percepção bem marcante entre os atores do ambiente escolar, pois além dos alunos essa ideia também se faz presente para a funcionária da instituição, “ele identifica o colégio que eu estudo, na minha opinião o colégio que é bom, é uma propaganda da escola e uma segurança para os pais” (Entrevista realizada com a funcionaria, 23 de abril de 2014).

Além dessa significação atribuída, podemos perceber a **relação utilitária com o uniforme escolar**, pois “ah eu acho norma, porque aí não precisa ficar usando roupa de sair para vir pra escola”, sendo esse caráter utilitário vinculado com a positividade atribuída a norma institucional,

eu acho que a norma sobre o uniforme escolar é super boa, porque aí não fica aquele desfile de moda e também fica pra identificação do aluno. Eu gosto de usar uniforme porque aí a gente não precisa ficar todo dia que roupa que eu vou ou que roupa eu não vou, assim vai todo mundo igual não fica aquele se achando por causa da roupa, eu acho que é muito bom. (Entrevista realizada com aluna, 23 de abril de 2014).

Deste modo, alguns alunos atribuem ao uso do uniforme escolar uma economia de esforço, uma praticidade ao usar o uniforme principalmente as alunas nos apontaram que não precisam perder tempo ou não precisam se preocupar com qual roupa colocar. Com esse uniforme torna-se prático vir para a escola, com todos os alunos sendo vestidos da mesma maneira um não se sobressai sobre o outro, um não se torna mais que outro devido a roupa que está usando. Entendemos assim que o uniforme escolar para estes alunos é algo viável, útil para o seu convívio no cotidiano escolar.

Por outro lado, temos alunos que percebem que a norma institucional afeta a constituição da sua identidade, no entanto não é atribuído um caráter positivo na norma escolar,

Muitas vezes a norma afeta a identidade do aluno, tipo hoje eu esqueci a carteirinha, mas foi por um acaso não foi porque tipo eu quis esquecer, daí eu não pude entrar até bater o sinal, tipo eu não pude ver se eu tinha esquecido alguma coisa ou algo assim, daí isso pra mim afeta tá ligado porque aí tu fica desorientado, porque sei lá vai que fosse português aí chega na sala e é prova. A principal norma que tem que ser mudada é a da carteirinha, que não precisa ser necessária trazer todo dia, se tu esqueceu e eles te trancam lá no portão não é legal ai bate o sinal e tem que ir para a secretaria de dois em dois não é necessário, coisa do prézinho isso (Entrevista realizada com aluno, 05 de maio de 2014).

ele contribui não sei se certo, mas ele contribui, esse negócio de uniforme, deixa os alunos acreditarem que por exemplo em um ambiente de trabalho todos eles são iguais, todos eles têm o mesmo direito, todos eles têm a mesma habilidade e um não está acima do outro, mas também essa igualdade entre as pessoas pode ser ruim também porque daí não valoriza o bem individual. [...] ele vai acreditar que é igual os outros, ele pode começar a copiar os outros porque a roupa se um meio de se conhecer a si mesmo, esse tipo de roupa eu gosto esse eu não gosto, a roupa mesmo já vai dar um pouco da personalidade dele, aí ser obrigado a usar um tipo de roupa que tu não gosta ou que tu não quer usar pode te privar disso. (Entrevista realizada com aluna, 05 de maio de 2014).

A partir desses fragmentos, podemos perceber que alguns alunos questionam as normas disciplinares, pois a maneira que estão sendo aplicadas afetam o seu jeito de ser, o seu modo de agir, a sua subjetividade. Como por exemplo o uso do uniforme escolar nos aponta para uma escola separada da casa, a singularidade de cada menina ou menino não entram dentro do espaço escolar, pois com a instituição do uso do uniforme a identidade singular transforma-se em identidade coletiva, sendo todos os alunos iguais compondo o grupo escolar. Essa transição para alguns alunos é vista como algo negativo, pois não está valorizando a singularidade de cada aluno, como nos aponta a aluna entrevistada um aluno pode começar a copiar o outro, ainda para a mesma aluna essa obrigação de precisar vir de uniforme todos os dias acaba por negar a sua identidade, pois o modo de se vestir já dá indicativos da personalidade de cada sujeito.

Nessa relação ambivalente com a norma e na tensão entre a subjetividade e o coletivo, Dubar (2009, p. 229) nos aponta que “é na ação coletiva e na negociação de

suas regras que eles se constituem atores como sujeitos. Essas ações coletivas são cada vez mais diversas e misturam “público” e “privado”, econômico e afetivo”.

Outros argumentos são apresentados pelo alunos que não concordam com a norma referente ao uso do uniforme escolar,

As normas, tem umas que são boas tem outras que são ruins, por exemplo o uniforme se já tem a carteirinha porque eles querem o uniforme se já sabe que é da escola então para mim não tem necessidade de usar o uniforme. [...] Ah norma só quer que o aluno venha de uniforme para representar o colégio mas eu não acho assim que é uma coisa bacana, eu só acho que cada um poderia vir com a roupa que quisesse e apresenta-se a carteirinha no caso já sabe que o aluno é do colégio aí não precisa assim ter uniforme para mostrar que é do colégio (Entrevista realizada com aluno, 29 de abril de 2014).

Podemos perceber a partir desse pequeno fragmento da entrevista, que a cultura escolar e a norma institucional com relação ao uniforme escolar de algum modo afetam a construção da identidade dos alunos a partir dessa relação, que conforme já mencionamos não é direta, e na maioria das vezes tensa.

Como a cultura escolar da instituição está em constante movimento devido aos sujeitos que nela transitam, percebemos que alguns alunos acabam por burlar a norma da instituição, **customizando o uniforme** escolar, pois não se sentem confortáveis em se sentirem iguais aos demais. Neste sentido, encontramos no ambiente escolar aqueles alunos que estão em constante tensão entre o individual e o coletivo, como podemos perceber nas situações a seguir,

Assim que entrei fiquei no corredor principal, ali observo que uma aluna havia customizado a blusa de uniforme, pois nas costas da blusa ela havia feito fendas horizontais, alguns cortes que permitiam deixar sua pele a mostra (Diário de Campo, 27 de março de 2014)

Neste momento o sinal toca e vou para a sala de química, a turma 203 tem a primeira aula nesta sala, quando chego na porta já havia uma aluna lá, e percebo que ela também havia customizado a sua blusa, então lhe perguntei “você cortou a sua blusa?” ele me respondeu “ah, sim eu cortei, sou tipo a rebelde da escola” (Diário de Campo, 27 de março de 2014).

A partir destes fragmentos, podemos pressupor que o aluno está em uma crise identitária, pois “a ‘cultura escolar’ entra em contradição e frequentemente em conflito com a cultura ‘comunitária’” (DUBAR, 2009, p. 223). Assim,

Ele só pode ficar dividido entre dois mundos tão diferentes, opostos. Sua identidade pessoal não pode romper com suas identificações coletivas, ainda que possa privatizá-las e adaptar-se às regras societárias da vida profissional. Por isso sua pessoa privada é também o que mais o conduz à sua personagem comunitária. O acesso à subjetividade é barrado pela nostalgia da comunidade e de suas “tradições rituais” (Ibid).

Entendemos assim, que a passagem da identidade pessoal para a identidade coletiva é conflituosa, os alunos sabem que não podem romper com as identificações coletivas, no caso as normas disciplinares, eles precisam adaptar-se a elas, no entanto essas identificações coletivas acabam por negar a sua subjetividade, ocasionando o que Dubar nos aponta ser uma crise identitária.

Além dos materiais coletados nos registros os alunos também nos apontaram durante as entrevistas que,

Gostar eu não gosto de usar o uniforme, mas tem que usar, sei lá tem que vir todo dia com a mesma camiseta, todo mundo igual, não acho que isso seja legal. Para mim o uniforme não possui nenhum significado, ele é o significado da escola (Entrevista realizada com aluna, 23 de abril de 2014).

É tipo pra mim a norma sobre o uniforme escolar é desnecessário porque se a noite¹¹ não precisa de dia também não poderia ser preciso porque é uma coisa que fica desigual, ai se tu estuda a noite tu pode vir com a roupa que tu quiser e se tu estuda de dia tem que vir de uniforme senão não entra na escola, eu não gosto de usar uniforme porque sei lá pra mim é desnecessário eu venho de camisa branca porque eu sou obrigado, mas eu não acho necessário vir de uniforme tudo bonitinho porque sei lá, se tu sabes que és da escola não precisa vir de uniforme, se tu não quer vir não precisa em várias escolas já são assim é coisa desnecessária para mim gastar dinheiro por causa de nada. (Entrevista realizada com aluno, 05 de maio de 2014).

Além dessas situações os alunos criam outras estratégias para burlar a norma institucional como mexer no celular dentro da instituição ou passar a carteirinha de identificação para algum amigo que esqueceu a sua. Em relação às customizações no uniforme que vão desde um simples corte para não se sentir sufocado até cortes mais planejados ou adereçados fixados, podemos pressupor que seriam para se identificarem com algum grupo, pois

O vínculo societário, como vínculo social, é frágil, com frequência temporário, mas sempre “significante”. Não implica, contrariamente

¹¹ Sinalizamos que não foi possível obter a informação necessária para compreender o motivo pela não exigência do uso do uniforme escolar para os alunos do período noturno.

ao vínculo comunitário, a partilha de “crenças coletivas” nem “raízes comuns” (vínculos de sangue, de solo ou de cultura), mas a participação de ações com os outros que são “parceiros” (Ibid, p. 229).

Ao analisarmos as entrevistas e os diários de campo, podemos observar que existe relação ambivalente entre a norma institucional e os alunos, alguns positivam essa norma já outros resistem e questionam a mesma. No entanto, observamos que apesar dessa ambivalência, encontramos semelhanças aos significados atribuídos ao ambiente escolar, sendo este um papel importante para a sua constituição, “eu acho que a escola tem um dever e então contribuí para a formação da minha identidade” (Entrevista aluna, 23 de abril de 2014). Ainda alguns vinculam esse papel da escola com o seu lugar no mercado de trabalho, “tipo a escola vai te fazer alguém na vida, porque tipo sem estudo tu não consegue virar um doutor, um advogado ou algo assim na sociedade” (Entrevista aluno, 05 de maio de 2014). Neste sentido, para estes alunos a sua relação com a escola vai além do ensino e aprendizagem os conteúdos sistematizados, previstos no currículo,

Se eu acho que o espaço escolar pode contribuir para a formação de identidade? Como é que eu posso dizer, sim acho que sim, é claro que a nossa base é em casa, mas a escola ensina muita coisa, não só tipo o português e a matemática, mas os professores estão sempre tentando ajudar os alunos com as informações, essas coisas assim sabe, eu acho que sim (Entrevista aluna, 23 de abril de 2014).

Portanto, é no meio dessa relação tensa e ambivalente com a norma institucional, as mudanças na cultura escolar, que o aluno vai se constituindo e também se desconstituindo, pois conforme nos aponta Dubar (2009, p. 234), “a identidade pessoal [...] não é, portanto, “mero reflexo” das identidades estatutárias, das posições ocupadas, [...]. Com uma frequência cada vez maior, essas posições se destinam a mudar”.

5. Considerações finais

Por meio deste trabalho, pudemos perceber que a cultura escolar está em constante movimento, sendo modificada não somente por seus atores internos, mas também por ações que são externas a ela, mas que influenciam nos rituais do seu cotidiano. Sendo essas modificações importantes para a relação que se estabelece neste ambiente, relações essas tensas, que divergem opiniões entre dirigentes e alunos, como por exemplo o uso do uniforme escolar.

Por meio da análise do material coletado, foi possível compreender que pela perspectiva institucional o uniforme escolar opera como um artifício de controle e disciplinamento dos corpos, um corpo que é possível discipliná-lo e adestrá-lo ao mesmo tempo esse corpo é mutável, é capaz de se transformar, criar e reproduzir. Por ser possível de mudança, percebemos que os alunos se relacionam de modo ambivalente com a norma institucional, alguns criam estratégias para tentar burlar, transformar a norma, e, por outro lado há aqueles alunos que depositam um caráter positivo nas normas, sendo estas essenciais para a sua constituição. Sendo que é nessa relação tensa entre individual e coletivo que cada sujeito vai se constituindo.

Compreendemos que, tanto os alunos que atribuem um caráter positivo a norma institucional quanto aos alunos que questionam a esta norma, além de estarem modificando a cultura escolar da instituição, pois mesmo que esse movimento de mudança seja lento conforme nos aponta Viñao Frago, a cultura escolar está sendo modificada. Estão ainda nesse processo, como nos mostra Dubar, na relação entre o individual e o coletivo os sujeitos vão construindo e desconstruindo a sua identidade tanto individual quanto a coletiva.

Percebemos que alguns elementos podem ser avançados em pesquisas futuras, pois devido ao tempo, não conseguimos esmiuçar cada detalhe transmitido pelos alunos, como por exemplo, perceber o lugar do uniforme escolar ao longo da experiência escolar dos alunos. Ainda, perceber como ocorreu a instituição do uso do uniforme escolar nos anos 40, e em que medida foi se modificando o seu significado ao longo da constituição da norma institucional, na tensa relação entre dirigentes, professores e comunidade.

Observamos ainda, que esta pesquisa mobilizou muitos atores do ambiente escolar, como os dirigentes da instituição, os funcionários que ali trabalham e os alunos,

pois todos estes estavam interessados, por exemplo os alunos gostariam que os dirigentes da instituição soubessem e considerassem o posicionamento deles em relação a norma institucional. Os funcionários e dirigentes além de se interessarem pelo pensamento dos alunos, eles querem criar mais laços com os pesquisadores das Universidades.

Por fim, percebemos o quão árduo e delicado é o trabalho de um pesquisador, um processo intenso e conflituoso, com muitas dúvidas e angústias referentes ao seu objeto de pesquisa. Uma relação que se intensifica com a entrada em campo, devido ao surgimento de novas questões, de percepção e compreensão de relações que se estabelecem entre os diferentes atores do ambiente escolar. Relações essas que nos colocam a estar sempre pensando e problematizando o objeto da pesquisa e todos os sujeitos envolvidos com ela.

6. Referências

CORAZZA, S. M.. O paradoxo do uniforme. *Pátio - Revista Pedagógica*, Porto Alegre, p. 54-56, 2003.

COSTA, Antonio Galdino da. *Símbolos de comunicação e identidades corporais provisórias: estudos sobre moda/indumentária nas culturas juvenis*. Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte – Santa Maria/RS, set./2006.

DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades: A interpretação de uma mutação*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia: Saberes e Práticas*. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; PINTO, Céli Regina Jardim. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FARIA FILHO, L. M. *Cultura e Prática Escolares : escrita, aluno e corporeidade*. Cad. Pesq., n. 103, p. 136-149, mar. 1998, UFMG.

FARIA FILHO, L. M. Et al. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.

LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. Impar Produções. MEC/Rhodia, 2005.

OLIVEIRA, Marcio Romeu Ribas de. *Uniforme entre imagens do pensamento e narrativas dos meus cotidianos*. UERJ, s/d.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária nos anos finais do século XIX*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. 429 p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências*. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas/SP: Papirus, 2008.

OTTO, Clarícia. *Nos rastros da memória*. -1 ed.- Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Corpos híbridos: Problematizando as representações de Corpos no currículo escolar*. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Caderno Pedagógico Anos Iniciais. 2ª Edição Revisada e Ampliada. Editora da FURG, Rio Grande, 2008.

RIBEIRO, I.; SOUZA, Luani de L. *Corpos escolares, leitura de imagens: O uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina - 1964 a 1985*. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela. (Orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX)*. Florianópolis: Insular, 2012.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. *Fontes Orais: testemunhos, trajetórias de vida*. UFPR, S/D.

SILVA, Katiene Nogueira da. *Distinção, higiene e assistência social: os uniformes escolares diante da expansão do ensino público paulista (1950/1970)*. In: VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. Vitória: UFES, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. – 2. Ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VIÑAO FRAGO, A. *Las culturas escolares*. In: VIÑAO FRAGO, A. *sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios*. 2002.

_____. *La escuela y la escolaridade como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación*. História da Educação, ASPHE/FaE/UFP, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-54, Maio/Ago 2008.

_____. *Historia de las disciplinas, profesionalización docente y formación de profesores: el caso español*. Pro-Posições, v. 23, n. 3 (69), p. 103-118, set./dez. 2012.

_____. *Culturas escolares y reformas (sobre la naturaleza histórica de los sistemas e instituciones educativas)*. S/D, p. 1 – 25.

7. Apêndice

7.1. Roteiro de entrevista

- Nome completo e a data de nascimento.
- Nome completo dos pais.
- Você tem irmãos? quantos?
- Onde seus pais trabalham? Você trabalha?
- Quando você nasceu, onde sua família morava?
- Quais eram as suas brincadeiras favoritas na infância?
- Poderia descrever algo que lhe marcou na infância?
- Você frequentou alguma instituição de educação infantil?
- O que você lembra da sua primeira escola?
- Durante toda a sua trajetória escolar algum professor foi marcante para você?
- O que você acha das normas disciplinares da escola?
- Você percebe alguma mudança do ano passado para esse?
- O que mudou?
- Você acha que os alunos criam algumas estratégias para burlar as normas disciplinares?
- Você acha que de alguma forma a norma da instituição pode afetar a identidade do aluno? Como?
- Você acha que alguma norma poderia ser modificada? Qual? Por que?
- O que você acha da norma sobre o uniforme escolar?
- Você lembra do seu primeiro uniforme escolar?
- Você gosta de usar uniforme? Por que?
- Você percebe o uniforme escolar como um meio de comunicação?
- Você gostaria que o uso do uniforme fosse diferente?
- Você se identifica com algum grupo por meio do estilo de roupa?
- Você acha que os acessórios semelhantes podem contribuir para a formação ou aproximação de grupos?
- O espaço escolar pode contribuir para a formação das identidades dos alunos?
- Você acha que o uniforme escolar pode negar a identidade do aluno?
- Qual o significado do uniforme escolar ao longo de toda a sua trajetória escolar?

7.2. Entrevista Funcionário da Escola

1. Nome completo.
2. Data de nascimento:
3. O que você acha das normas disciplinares da escola?
4. Você percebe alguma mudança nas normas do ano passado para esse?
5. Você acha que os alunos criam algumas estratégias para burla as normas da instituição?
6. Você acha que alguma norma poderia ser mudada na escola? Qual? Por quê?
7. Você lembra do seu primeiro uniforme escolar? Como era?
8. O que você acha da norma sobre o uniforme escolar?
9. Você percebe o uniforme escolar como um meio de comunicação?
10. Você acha que o uniforme pode possuir algum significado para os alunos?
11. Você acha que o uniforme escolar pode negar a identidade dos alunos?
12. Você acha que os acessórios semelhantes podem ser percebidos como facilitadores para formação de grupos?

7.3. Questionário



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação**

Este questionário encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa “Uniforme escolar: qual seu significado na trajetória escolar dos alunos?”, tendo assim como objetivo observar, analisar e compreender o uso do uniforme escolar pela perspectiva do aluno, os sentimentos que este desenvolve acerca do seu uso.

1. Dados pessoais:

Sexo: F() M()		
Ano do nascimento:	Cidade:	Estado:
Religião:		
Estado civil:		
Grau de instrução de seu pai:	Profissão:	
Grau de instrução de sua mãe:	Profissão:	
Onde você mora hoje: () casa própria () casa alugada () casa de parente		

2. Trajetória escolar:

Frequentou educação infantil? () não () sim () escola pública () escola privada	
Frequentou o ensino fundamental em escola: () Pública () Privada	
() maior parte publica () maior parte privada	
Principal turno que frequentou: () matutino () vespertino () Noturno	
Reprovou em alguma série do ensino fundamental: () sim () não	
Ano em que concluiu o ensino fundamental:	Em qual escola:
Encontrou dificuldades para estudar? () sim () não Quais?	

3. Quais eram as suas brincadeiras favoritas na infância?

--

4. Poderia descrever algo que lhe marcou na infância?

--

5. Você lembra da sua primeira escola? Como ela era?

6. Durante a sua trajetória escolar algum professor foi marcante para você?

7. O que você acha das normas disciplinares da escola?

8. Você percebe alguma mudanças das normas do ano passado para esse?

9. Você acha que os alunos criam estratégias para burlar as normas da escola?

10. Você acha que alguma norma poderia ser mudada? Qual? Por que?

11. Você acha que a norma da escola de alguma forma afeta a identidade do aluno?

12. O que você acha da norma sobre o uso do uniforme escolar?

13. Você lembra do seu primeiro uniforme escolar? Como ele era?

14. Você gosta de usar uniforme? Por que?

15. Você percebe o uso do uniforme escolar como um meio de comunicação? Como se ele comunicasse algo?

16. Você gostaria que o uso do uniforme fosse diferente?

17. Você se identifica com algum grupo pelo seu estilo de roupa?

18. Você acha que os acessórios semelhantes podem contribuir para a formação ou aproximação de grupos?

19. O espaço escolar pode contribuir para a formação de identidade dos alunos?

20. Você acha que o uniforme escolar pode negar a identidade do aluno?

21. Qual o significado do uniforme escolar ao longo de toda a sua trajetória escolar?